



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS
PROJETO SEGUNDO TEMPO**

PEDRO ANDRÉ PIRES MACHADO

(depoimento)

2010

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias – Segundo Tempo

Número da entrevista: E-178

Entrevistado: Pedro André Pires Machado

Nascimento: 03/01/1986

Local da entrevista: UFSM - Santa Maria/RS

Entrevistadores: Márcia Luiza Machado Figueira

Data da entrevista: 27/10/2010

Transcrição: Letícia Baldasso Moraes

Conferência Fidelidade: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Copidesque: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Pesquisa: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Fitas: Gravador digital

Total de gravação: 12 minutos e 41 segundos

Páginas Digitadas: 5

Catálogo: Ivone Job

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

MACHADO, Pedro André Pires. *Pedro Machado (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.

Sumário

Início do envolvimento com o Programa Segundo Tempo (beneficiado); atividades que realiza; divulgação do Programa; benefícios do PST; inclusão social por meio do Programa: atividades gratuitas; oportunidades que o PST promove de acesso ao esporte, ao lazer, à atividade física, de interação e conhecimento de novas pessoas; avaliação do Programa: sugestões.

Santa Maria 27 de Outubro de 2010. Entrevista com Pedro André Machado, a cargo da pesquisadora Márcia Luiza Figueira para o projeto Memórias do Segundo Tempo Universitário.

M.F. – Pedro, eu gostaria que você falasse um pouco como que você conheceu o Programa Segundo Tempo, enfim, como está sua experiência com o Programa?

P.M. – Eu conheci o Programa Segundo Tempo dois ou três semestres atrás, que eu fiz futsal ali em baixo. Nesse semestre, também estou fazendo futsal e dança. Foi assim que eu conheci.

M.F. – E você ficou sabendo dele como? Através de quem? Você se lembra?

P.M. – Acredito que tenha sido por divulgação, pôster. Divulgação na Universidade mesmo. Eu não recorde. Mas acredito que seja isso.

M.F. - E o que você pode me dizer da sua experiência no Programa? O que você acha? O que te leva a fazer essas práticas? Como você vê o Programa Segundo Tempo na Universidade? Que benefícios você acha que tem um Programa desse nível?

P.M. – Acredito ser um benefício para a saúde. Benefício que eu, pelo menos, vejo para mim. Uma integração entre os alunos de diferentes cursos, porque sabemos que no meio acadêmico ocorre pouca. É mais uma interação intelectual. Então, uma interação física se faz necessária e suficiente. A única coisa ruim é que não há continuidade. As pessoas geralmente começam e, depois de um tempo, vão desistindo, a cargo das provas, a cargo de outras preocupações, mas acabam desistindo e vindo pouca gente no final. Geralmente, no final do semestre, vem pouca gente. Mas eu acho uma iniciativa interessante dos órgãos públicos.

M.F. – Pedro, o Ministério do Esporte, através do Programa Segundo Tempo, propõe uma inclusão social na prática esportiva e no lazer. E você acha que isso está contemplando, sob o ponto de vista?

P.M. – Acredito que sim. Eu fiz um dia só, não foi provavelmente falta de tempo, iniciativa, mas eu fui na canoagem que tinha aqui e tinha uma gurizadinha bem legal. Uma gurizada que aparentava ter uma dificuldade social um pouquinho maior. E eles adoravam aquilo. Porque a canoagem é um esporte de alta renda. Então, é preciso ter uma canoa, etc. Então, eu acho interessante. Os que eu faço hoje em dia, eu acredito ser interessante para o acadêmico mesmo. O pessoal que não faz uma atividade física vai lá nesse espaço e pratica atividade física. Eu tenho um aluno que, segundo o argumento dele, - ele faz dança comigo também -, como ele não joga futebol, é o meio que ele vê de fazer alguma coisa fisicamente, não ficar sedentário sem fazer nada. Então, ele vem na dança porque ele não gosta de futebol. Realmente é um recurso gratuito.

M.F. – Você está fazendo dança em um projeto. Isso é uma oportunidade que você acha que é rara? Em que outro momento você acha que faria dança, por exemplo, se não fosse aqui no projeto, aqui na Universidade? Já que você já trabalha, estuda...

P.M. – Nós já estávamos fazendo, só que estávamos pagando. Estávamos fazendo particular. Não era mais legal do que estamos fazendo agora. Mesmo sendo pago, não era mais legal. Então, já buscávamos isso. Surgiu a oportunidade de não ter um custo e também a aula é mais interessante. Já buscávamos isso, a dança em si. O futsal que eu também faço, também já jogaria, já pagaria para jogar. Mas a oportunidade também de custo, não precisar pagar...

M.F. – Sabemos que há toda uma discussão, uma produção teórica, na área da Educação Física, que fala do esporte e do lazer como direito social. E, é a partir dessa filosofia, que o PST tenta se sustentar: como um direito ao cidadão. O acesso então à política pública, saúde, educação. Tem também essa discussão. E como você vê isso como cidadão, como professor?

P.M. – Eu acho importante. Segundo a descrição de um professor - eu fui fazer junto com a minha esposa que faz Educação Física - na época militar, tinha muita coisa horrível, mas, uma das coisas interessantes, era essa questão física, do acesso a atividade física. Era muito diferente de hoje em dia. Tinham-se praças e o pessoal das comunidades ia lá e praticava exercícios e tal. Porque o militarismo preza bastante pelo cultivo do corpo, de um bom

condicionamento. Eu acho hoje em dia carente com relação a isso. E realmente a nossa sociedade é carente, por conta da informação, dos computadores, de uma atividade mais motora. Bem sabemos que uma atividade motora dá uma espécie de prazer. Então, as pessoas estão perdendo isso. Tanto que, no Rio Grande do Sul, mais de 40% das pessoas são obesas. Então, eu acredito que isso é uma carência de cultura mesmo. É uma cultura corporal que não se tem. As pessoas não têm a cultura corporal de praticar um exercício. E bem sabemos que, se não fizer isso, seu corpo fica fraco, frágil, débil às doenças, e esse dinheiro vai todo para os hospitais. Então, realmente, ao invés de aplicar certa renda na saúde *antes* da doença, acabam-se lotando os hospitais. Também não é esse o único motivo. Mas ajudaria as pessoas a terem um pouquinho mais de cultura com o próprio corpo. Aprender a observar o que está acontecendo com o próprio corpo. Há uma cultura realmente equivocada em todos os âmbitos. Muito é o que vem de fora: “não percebo o que acontece em mim, eu posso estar quase morrendo”, mas eu estou de certa forma, iludido com o que vem de fora. Não presto atenção nem nos meus sentimentos. Por isso, às vezes, as pessoas entram em depressão do nada.

M.F. – Também tem o fator de trazer alegria, porque é muito bom essa coisa de estar junto...

P.M. – Mas nem isso as pessoas sabem hoje em dia. Até mesmo a alegria de estar junto, como tu comentaste, é virtual hoje em dia, é bem carente dessa interação entre as pessoas. Porque sabemos que interação é difícil, mas ela tem um ganho. Ganhamos alguma coisa quando interagimos sem a máscara. Então... [risos].

M.F. – E você conheceu pessoas a partir do momento que você começou a praticar, participar? Você ampliou o seu leque de relacionamentos? Você percebe isso nessas práticas? Elas possibilitam isso?

P.M. – Sim. Conheci algumas pessoas. Não muitas assim, porque, vem pouca gente aqui agora, mas conheci sim umas pessoas.

M.F. – Dá para ampliar um pouco a sua rede [risos]. Mais alguma coisa que você queira falar? Quer acrescentar alguma coisa?

P.M. – Realmente não.

M.F. – Uma avaliação do projeto. Se você fosse fazer uma avaliação sobre esse projeto. Que você acha desse projeto?

P.M. – Eu acho ele muito interessante, mas acredito que poderiam ampliar a quantidade de oportunidades, de práticas mesmo. Outras práticas, mesmo em esportes coletivos, basquete e tal, esportes individuais, mesmo xadrez, por exemplo. Uma coisa interessante que ajudaria em uma cultura melhor, porque o xadrez tem várias vantagens, não porque eu sou matemático, mas que realmente tem suas... Assisti um comentário muito interessante, - não cabe agora, mas - não sei se tu já viste... Acho que foi a Sportv¹ que fez sobre xadrez.

M.F. – Não assisti.

P.M. - É um senhor que leva o xadrez em várias comunidades diferentes. Então, ele levou em uma comunidade de índios, em uma comunidade da FEBEM², em esportes coletivos, futebol infantil, mirim. E foi legal porque o que eles tiraram de cada uma dessas comunidades? Por exemplo, um exemplo *bom*: o da FEBEM. Um dos rapazes, ele comentando depois: “Eu descobri com o xadrez que, cada coisa errada que eu faço na minha vida, tem um preço. Ou seja, se eu jogo uma peça em um lugar errado e ela fica desprotegida, eu vou perder aquela peça. Ou seja, eu tenho que pensar antes de fazer as coisas. E que, cada escolha errada que eu tomo na vida, vai ter um custo, ou seja, vou perder alguma coisa.” Então, isso, para a vida dele, foi uma mudança incrível. Por mais que ele esteja na FEBEM, quando ele sair ele sabe isso. No futebol também... Era uma escolinha de futebol. O xadrez é um jogo individual, mas, a partir da vivência, da prática, eles descobriram: “Ah, mas as peças têm que estar protegidas uma pelas outras.”. Sabe jogar xadrez? [referindo-se a entrevistadora]

M.F. – Não, não jogo não.

¹ Canal esportivo filiado à Rede Globo.

² Fundação Estadual de Bem-Estar do Menor.

P.M. – É um jogo *muito* interessante. Pode ter na cabeça de muita gente algo como: “Mas é muito difícil para mim”. Mas não é. Se tu aprende a jogar, tu vais ganhando um gosto. Então, ele descobriu que, - se tu tiveres a oportunidade de aprender - se tu deixar as peças sem proteção, elas dificilmente vão sobreviver. E ele descobriu o que? “Que não. No esporte tem que tocar a bola, não posso fazer tudo sozinho. Eu tenho que interagir com os colegas para fazer uma jogada”. Não é sozinho. Se nem nesse jogo que é sozinho eu consigo enxergar isso... Então, na comunidade indígena muita coisa interessante... As notas melhoraram em muitos aspectos por causa da concentração. *Exige* concentração. Uma carência da sociedade hoje em dia. As crianças não conseguem se concentrar. Se exige uma coisa delas que elas não são capazes. Ficar quatro horas sentadas. Não são capazes. Por isso que Educação Física é a matéria que elas mais gostam [riso].

M.F. – É verdade [riso].

P.M. – Não são capazes de se manterem concentrados. Então, essa é uma possibilidade, uma ideia: xadrez. Mas tenho várias outras.

M.F. – É interessante você colocar nas avaliações que o pessoal propõe no final do semestre, enfim. Acho que é importante para o grupo, coordenação...

P.M. – Sim...

M.F. – Acho que é importante. Uma contribuição boa...

P.M. – Então, seriam outras atividades, mais variedade.

M.F. – Muito obrigada pela sua colaboração!

[FINAL DO DEPOIMENTO]